

TRADUÇÃO

*Carta de Leibniz a Des Bosses (31/07/1709)*¹

[Sobre as almas, as enteléquias, as mônadas, a massa e o espaço]

Tradução e Notas:

William de Siqueira Piauí e Juliana Cecci Silva²

Eu pensava ter declarado que respondi às *Conjecturas* do Sr. Hartsoeker³. Ao menos até que ele produza alguma continuação. Homem ilustríssimo que na obra *Dióptrica* promete coisas não desprezáveis. [Mas] não vejo motivo para debater com ele sobre os [primeiros] elementos. Principalmente no que diz respeito às razões metafísicas, sobre as quais ele não me parece ser um juiz adequado. Além disso, nossa controvérsia não traria muito [para a compreensão] dos fenômenos, pois a análise em que está baseada nossa explicação não vai até os elementos. Não nos preocupemos muito com o tipógrafo de Liége⁴. Até o momento, já devo muitos agradecimentos a você. No meu pequeno livro penso não ter defendido nenhum dogma que alguns de vocês também não possam observar, mas não dissimulo que sou protestante⁵.

Certamente aquele mandato divino “Que a terra produza (*producat*)...”⁶ é indicador da eficácia interna (*insita*) às coisas; mas não pode ter estado nelas desde o início da criação, ainda que depois ela fosse mais disposta às operações. E não era necessário ter criado novas almas já que as antigas eram suficientes. Não pode ser demonstrado, e nem mesmo provado, que os animais irracionais possuem alma, bem como que os outros, os homens, não são simplesmente máquinas (*nudas machinas*)⁷; visto que não podemos inspecionar suas mentes (*mentes*)⁸. Mas estas coisas têm uma certeza moral, assim como [a de que existem] outras criaturas além de mim. Portanto, embora não seja por uma necessidade absoluta⁹ que todo corpo orgânico tenha alma, todavia devemos considerar que a ocasião [de torná-los] animados não foi negligenciada por Deus, já que sua sabedoria produz o máximo (*quantum plurimum*) de perfeição¹⁰ que é possível¹¹.

É certo que a alma pode operar internamente sem o auxílio do corpo, mas não [pode operar] fora. Apesar disso, as [ações] externas sempre correspondem nos corpos às ações

internas. Certamente é possível para Deus fazer (*constitui*), por um milagre, a alma fora do corpo, mas isso não convém à ordem das coisas. Separada do que é primeiro e passivo¹², não resultará em uma coisa completa ou mônada¹³. Se somente um grau superior¹⁴ é adicionado, não será uma nova infusão (*infusio*) da alma. Aquele grau essencial não pode subsistir separadamente, nem é enteléquia (*entelechia*)¹⁵, já que não é princípio de ação, mas somente uma faculdade da alma. Está estabelecido entre os filósofos que as faculdades de sentir e de raciocinar não constituem (*facere*) almas diferentes em nós; mas que estão em (*inesse*) uma mesma alma. Donde minha surpresa que isto o imobilize. Não devemos dizer, pois, que a mesma matéria seja informada adequadamente por diferentes enteléquias. Eu achei mais apropriado adicionar um grau novo às almas sensitivas, do que ocultar nas sementes (*seminibus*) inúmeras almas racionais que não alcançariam a maturidade da natureza humana¹⁶. Ainda que alguém me apresentasse um modo natural dessa elevação [de grau] eu não diria que esse modo foi adicionado miraculosamente. Portanto, você [pode] ver que isso foi dito por mim preferencialmente de modo hipotético. A alma nasce da alma, se a isso você chama tradução (*traducem*)¹⁷, não é explicável; e estou muito longe dos que pensam assim¹⁸.

Embora as localizações¹⁹ das mônadas sejam designadas pelas modificações ou limites das partes do espaço, todavia, as próprias mônadas não são modificações da coisa contínua. A massa, e sua difusão (*diffusio*), surge (*resultat*) das mônadas, mas não o espaço. Porque o espaço, bem como o tempo, é certa ordem, [entendo] (por espaço) naturalmente as [coisas] que coexistem, tal [ordem] compreende (*complectitur*) não só as [coisas] atuais, mas também as possíveis²⁰. Por isso ela é indefinida, como toda [coisa] contínua cujas partes não são em ato, mas podem ser assumidas arbitrariamente, assim como as partes da unidade ou as frações²¹. Se na natureza das coisas as subdivisões dos corpos orgânicos em corpos orgânicos fossem outras, [isso é,] outras fossem as mônadas, outra seria a massa, ainda que fosse o mesmo o espaço preenchido. Com efeito, o espaço é algo contínuo, mas ideal; a massa é [algo] discreto, [que se refere] evidentemente à multiplicidade atual, ou ente por agregação, mas a partir de unidades infinitas. Nas [coisas] atuais os simples são anteriores aos agregados, [enquanto] nas [coisas] ideais o todo vem antes da parte. E se essa consideração for negligenciada tem origem aquele labirinto^{22, 23}.

Pouco antes de morrer, o R. P. capuchinho Dionísio de Werl²⁴ me escreveu, e ignoro qual era a nova obra em que ele parecia se empenhar. Existe um tipógrafo ou livreiro batavo que ofereceu seu serviço sob determinadas condições. Vejamos no que isso vai dar. Sem mais, até logo.

Hanôver, 31 de julho de 1709²⁵

P[ost] S[criptum]: Quando foram publicadas minhas *Novíssima Sinica*²⁶, que foram enviadas para Roma, o Sr. Magliabechi²⁷ as fez chegar ao coordenador geral da vossa sociedade, o qual (se bem me lembro) também me dirigiu saudações por isso. Eu peço que me recomende ao vosso Tolomeu, homem muito ilustre. Quando o opúsculo contra o [Sr.] Bayle estiver publicado, submeta ao julgamento dele²⁸.

¹ O texto original em latim foi extraído da obra *Die philosophische Schriften (GP)*, volume II, Hildesheim: Olms, 1965, pp. 377-9. Também consultamos a tradução para o francês feita por Christiane Frémont (*in L'Être et la relation: lettres des Leibniz à Des Bosses*. Paris: Vrin, 1999, pp. 160-3); o texto original latino está cita nas notas de fim de cada parágrafo. O jesuíta belga Bartholomeu Des Bosses (1668-1738) era teólogo e matemático e trocou com Leibniz uma importante correspondência nos anos de 1706 a 1716; aliás, foi ele o tradutor da **Teodiceia** para o latim e, como ficará claro, parte do que é dito na presente carta se refere exatamente à publicação e divulgação desta obra. A presente tradução é a última etapa de uma proposta que fizemos no nosso artigo “Leibniz e as duas faces do labirinto do contínuo: uma introdução” (*in Argumentos – revista de filosofia*, v. 3, p. 16-24, 2010.); sendo assim, ela está vinculada diretamente com a tradução de outras duas cartas: a **Carta de Leibniz à Princesa Sofia de 31 de outubro de 1705** (que pode ser encontrada no site: <http://leibnizbrasil.pro.br>) e a **Carta de Leibniz ao matemático Dancicourt: sobre as mônadas e o cálculo infinitesimal** de setembro de 1716 (*in Theoria - revista eletrônica de Filosofia*, v. 4, n. 10, p. 174-179, 2012; pode ser encontrada em http://www.theoria.com.br/edicao10/Carta_de_Leibniz_ao_matematico_Dancicourt.pdf); de qualquer modo, boa parte do que a presente carta enuncia é o próprio fundamento de nossa tese de doutorado, cujo título é **Substancialidade do ideal e substancialidade do mundo em Leibniz: percorrendo e sobrevoando o labirinto do contínuo**.

² Juliana Cecci Silva é mestrandia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade de Brasília (Postrad – UnB), sob orientação do Prof. Dr. Piero Eyben; é membro do grupo de pesquisa Escritura: Linguagem e Pensamento e fez seu bacharelado em Letras-Francês pela Universidade de São Paulo (FFLCH – USP); e-mail: julianacecci@yahoo.com.br. William de Siqueira Piauí é doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (FFLCH – USP) e, atualmente, é professor no Departamento de Letras e Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (DLF – UFS), e-mail: piuiusp@gmail.com. Tradução recebida em 31/01/2013 e aprovada para publicação em 05/02/2013.

³ É difícil apresentar em apenas uma nota o quanto as pesquisas do matemático, astrônomo e biólogo microscopista holandês Nicolas Hartsoeker (1656-1725) – realizadas principalmente na virada do século XVII e que mudaram inclusive o mecanismo dos microscópios e telescópios – estão relacionadas com o tema que será desenvolvido especialmente no §II da presente carta. Hartsoeker foi um dos principais defensores da opinião que os espermatozoides (do qual ele disputa a descoberta com seu contemporâneo Antony von Leuwenhœcke – 1632-1723) portavam um homúnculo, isso é, conteriam neles mesmos a miniatura do animal de sua espécie que se desenvolveria a partir deles; teoria que ficou conhecida também como *animalculismo*. Tal opinião ia especialmente contra o preformismo dos *ovistas*, isso é, contra a opinião defendida, dentre outros, pelo filósofo francês Nicolas Malebranche (1638-1715), segundo a qual a geração dos organismos se daria a partir de ovos. Vale ressaltar que, além de parecer defender (§III) a opinião que deve existir uma continuidade evolutiva entre todos os organismos de uma espécie determinada, para Leibniz essas questões não se referem propriamente aos primeiros elementos das coisas, do que ele tratará propriamente no §IV. Por fim, Hartsoeker escreveu várias obras sobre Física; em 1712, é publicada a *Suite des conjectures physiques e des Eclaircissements sur les conjectures physiques*, pela qual Leibniz podia estar esperando para fazer um novo comentário, uma vez que tal obra retoma a que o alemão já havia comentado (o que ele relembra a Des Bosses) e que tinha sido publicada em 1708 com o título *Conjectures physiques*. O *Essai de dioptrique* foi publicado em 1694 e, em 1696, os *Principes de physique e Traité de physique*; sete anos depois da morte de Hartsoeker é publicado seu *Recueil de pièces de physique*, onde ele se mostrava contra o sistema de Newton.

⁴ Como já o indicamos, certamente se trata de questionamento relacionado à publicação da **Teodiceia**.

⁵ *Significatum a me putabam Dn. Hartsoekeri Conjecturas ad me rediisse. In eo est, ut continuationes procedat; Vir clarissimus in Dioptriciis non spernenda promittit. Cur de Elementis cum eo certem, ratio nulla est, praesertim cum ad Metaphysicas rationes deveniendum sit, de quibus illum iudicem idoneum esse non puto. Praeterea nostrae controversia non multum ad phaenomena faceret, neque enim nostrae explicationis Analysis ad Elementa procedit. Typographum Leodiensem non est ut magnopere curemus. Interim multas Tibi gratias debeo. In libello nihil a me defendi puto dogmatis, quod non et vestrum aliquis tueri possit, Protestantem tamen non dissimulo.*

⁶ Na versão da Bíblia de Jerusalém, temos: “Deus disse: ‘Que a terra verdeje de verduras: ervas que deem sobre a terra, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente’ e assim se fez. A terra produziu verdura: ervas que dão semente segundo sua espécie, árvores que dão, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente, e Deus viu que isso era bom. Houve uma tarde e uma manhã: terceiro dia” (Gn 1, 11). Importante pensar que o termo “semente” traduz a palavra grega *σπέρμα* que aparece na versão da Septuaginta; na Vulgata ela havia sido traduzida por *semen*, na Bíblia de Lutero por *Samen*, já na tradução do Rei James aparece *seed* (não *esperm* ou *semen*). Do mesmo modo, o termo “espécie”, que deu origem ao título desse livro da Bíblia, refere-se à palavra grega *γένος* e se mantinha na Vulgata como *genus*, lembrança que se trata da questão da geração dos seres. É claro que aquela polêmica entre os ovistas e os animalculistas também girava em torno da interpretação mais adequada dessa parte do Gênesis, e boa parte dela se deu justamente a partir da apropriação dos termos mencionados aqui; tais como espermatozoide e sêmen. Além disso, o fato de Leibniz utilizar o termo latino *producat* e não o *germinet*, da Vulgata, associado ao uso do termo *seminibus* (§III), pode ser considerado um reforço de que são as sementes, no seu sentido geral (ou o sêmen), as principais responsáveis pela geração dos organismos específicos, enquanto a terra serve apenas de auxiliar para que se “produza” tal desenvolvimento já previsto em cada uma delas (cf. também notas 16 e 17). Mais a frente ele parece se referir ao fato que cada tipo específico de alma foi criada em um momento determinado, lembrando que a alma racional (intelectiva e sensitiva) só é criada quando Adão é criado, o que, de acordo com o Gênesis, só ocorre no sexto dia. Eis, pois, uma forte oposição contra algo como a teoria da evolução de Charles Darwin (1809-1882).

⁷ Certamente uma referência ao §10 da segunda meditação de René Descartes (1596-1650), cf. também **Monadologia** §§ 17-18.

⁸ Preferimos manter a palavra “mente” tendo em vista que no livro II, cap. XXVII, §4, dos **Novos ensaios**, Leibniz lembra a expressão *quae uno spiritu continentur*, o que mostra que ele tinha à sua disposição a palavra latina *spiritu*, se de fato quisesse usá-la. Quanto à expressão “certeza moral” que aparecerá logo em seguida, no §5 do “Discurso sobre a conformidade da fé com a razão” da **Teodiceia**, Leibniz deixa claro que, se não podemos demonstrar o que envolve tal tipo de certeza, ao menos também não podemos demonstrar a verdade contrária a ela, ou seja, não podemos ter “certeza absoluta” que ela é falsa; por isso aquilo sobre o que temos uma certeza moral ao menos está protegido de objeções definitivas, o que deveria gerar alguma tolerância entre os partidos.

⁹ No **Resumo de controvérsia reduzido a argumentos em forma**, um dos apêndices da **Teodiceia**, Leibniz fazia as seguintes distinções: “É que a necessidade que deve ser evitada, a contrária à moralidade e que faria com que o castigo fosse injusto, é a necessidade intransponível, a que tornaria toda oposição inútil mesmo que se quisesse de todo coração evitar a ação necessária e quando fossem feitos todos os esforços possíveis para isso. Ora, é manifesto que aquilo não é aplicável às ações voluntárias, visto que [a partir delas] não se faria [uma determinada coisa] se assim não o quisesse. Do mesmo modo, sua previsão ou determinação não é absoluta, mas supõe a vontade: se é certo que serão feitas, não é menos certo que se quererá fazê-las. Estas ações voluntárias e suas consequências não acontecerão [de tal forma que] não importe o que se faça, ou seja, quer se queira ou não, mas porque se fará e porque se quererá fazer aquilo que leva a isso. E isto está contido na previsão e na predeterminação e chega mesmo a constituir a sua razão. E a necessidade de tais eventos é chamada de condicional ou hipotética, ou mesmo de a necessidade da consequência, desde que ela supõe a vontade e os outros *requisitos*, [ela se coloca] em lugar da necessidade que destrói a moralidade, que torna o castigo injusto e a recompensa inútil, presente nas coisas que serão o que quer que se faça ou o que quer que se queira fazer e, em uma palavra, naquilo que é essencial; e é a isto que denominamos uma *necessidade absoluta*”. A tradução integral do texto mencionado pode ser encontrada na revista **Kalagatos** (UECE), v. 4, pp. 207-29, 2007.

¹⁰ No § 225, da **Teodiceia**, o modo como o deus de Leibniz pode criar o máximo de perfeição é enunciado da seguinte maneira: “A infinidade dos possíveis, independente de quão grande ela seja, não é mais do que a da sabedoria de Deus, que conhece todos os possíveis (...). A sabedoria de Deus, não contente de abarcar todos os possíveis, penetra-os, compara-os, pesa uns em relação aos outros, para estimar os graus de perfeição ou de imperfeição deles, (...) ela faz uma infinidade de infinitos, isto é, uma infinidade de sequências (*suites*) possíveis do universo, das quais cada uma contém uma infinidade de criaturas; e por este meio a sabedoria divina distribui todos os possíveis que ela já tinha considerado à parte no mesmo tanto de sistemas universais [que são universos], que ela compara também entre eles; e o resultado de todas estas comparações e reflexões é a escolha do melhor dentre todos estes sistemas possíveis, que a sabedoria faz para satisfazer plenamente a bondade, o que

é justamente o plano do universo atual. E todas estas operações do entendimento divino, embora tenham entre elas uma ordem e uma prioridade de natureza, se fazem sempre conjuntamente (*ensemble*), sem que haja entre elas qualquer prioridade de tempo”. (LEIBNIZ, [Paris: GF Flammarion] 1969, p. 253). Como ele afirma em seu prefácio, ela é a obra onde Leibniz trata das perfeições divinas, especialmente da bondade e da justiça, é o que ele repetirá ao mesmo Des Bosses em uma carta de 05/02/1712, a saber: “a **Teodiceia** é como uma espécie de ciência, eu a considero uma doutrina da justiça de Deus (isto é, tanto de sua sabedoria quanto de sua bondade)”. Assim, seu próprio título explicita parte desse objetivo, já que seu nome é formado a partir das palavras gregas **Théos** – Deus e **Díke** – Justiça.

¹¹ *Equidem divino illo mandato: producat terra insita rebus efficacia indicatur; non potuit tamen in illis fuisse ab initio creationis, etsi postea magis ad operationes disponderetur. Novas animas tunc creari necesse non erat, cum veteres sufficerent. Brutum animatum esse demonstrari, ne quidem probari nequit, cum ne hoc quidem possit, alios homines non nudas machinas esse, quando in ipsorum mentes introspicere non possumus. Sed haec sunt moraliter certa, quemadmodum aliquas esse creaturas praeter me. Etsi ergo absoluta non sit necessitas, ut omne corpus organicum sit animatum, judicandum tamen est animae occasionem a Deo non neglectam, cum sapientia ejus producat quantum plurimum perfectionis potest.*

¹² No prefácio da **Teodiceia**, Leibniz esclarece: “Talvez ainda seja bom observar, antes de terminar este prefácio, que ao negar a influência física da alma sobre o corpo ou do corpo sobre a alma, isto é, uma influência que faça com que um perturbe as leis do outro, de modo algum nego a união de um com o outro que nele é uma parte constitutiva, mas esta união é algo de metafísica que não muda nada nos fenômenos. (...) E por este motivo também podemos dizer, em um sentido metafísico, que a alma age sobre o corpo e o corpo sobre a alma. Portanto, é verdade que a alma é a entelêquia (*entéléchie*) ou o princípio ativo, enquanto o corporal sozinho ou o simplesmente material não contém senão o passivo, e que, por conseguinte, o princípio da ação está nas almas, como eu já o expliquei mais de uma vez no *Jornal de Leipzig*, mas mais particularmente ao responder ao falecido Sr. Sturm, filósofo e matemático de Altdorf, a quem eu cheguei a demonstrar que se os corpos fossem apenas passivos, seus diferentes estados seriam *indiscerníveis*”. (LEIBNIZ, 1969, p. 45). Nos **Novos ensaios** (livro III, cap. VI, § 42), ele já havia explicado que: “a unidade perfeita, deve ser reservada aos corpos animados, ou dotados de **entelêquias primitivas** (*entéléchies primitives*); pois essas entelêquias possuem analogia com as almas (*analogie avec les âmes*), e são tão indivisíveis (*indivisibles*) e imperecíveis (*impérissables*) como elas” (LEIBNIZ, [Trad. Luiz Baraúna. São Paulo: Ed. Abril] 1984, p. 259, grifo nosso). Quanto à “discernibilidade” dos diferentes estados no movimento, por exemplo, indicaríamos a leitura do nosso artigo “Leibniz e a gênese da noção de espaço: lendo o § 47 da última carta a Clarke” (in **Prometeus – filosofia em revista**, UFS, 2013, no prelo)

¹³ Tendo em vista as questões que serão tratadas na presente carta, talvez a melhor definição de “mônada” seja a que aparece no livro II, cap. XXVII, § 4, dos **Novos ensaios**, a saber: “A organização ou configuração sem um princípio de vida subsistente, [sem aquilo] que denomino mônada, não bastaria para fazer com que permaneça *idem numero* ou o mesmo indivíduo; pois a configuração pode permanecer especificamente, sem permanecer individualmente. (...) Assim, é necessário dizer que os corpos organizados, bem como os outros, só permanecem os mesmos em aparência, e não se falarmos a rigor. É mais ou menos como um rio, que sempre muda de água, ou como o navio de Teseu, que os atenienses reparavam constantemente. Quanto às substâncias, que possuem em si uma verdadeira unidade substancial, à qual possam pertencer as ações vitais propriamente ditas, e quanto aos seres substanciais, *quae uno spiritu continentur*, como diz um antigo juriconsulto, isto é, que um certo espírito indivisível anima, tem-se razão em dizer que permanecem perfeitamente o *mesmo indivíduo* por esta alma ou este espírito (*esprit*), que constitui o *eu* nas substâncias capazes de pensar” (LEIBNIZ, 1984, p. 173).

¹⁴ Parece-nos que o grau maior (*major gradus*) a que Leibniz se refere tem a ver com o acréscimo da faculdade de raciocinar ou intelectiva à faculdade sensitiva, que ele mencionará mais à frente; por isso optamos por “superior” em relação a esta, cf. também a nota 16.

¹⁵ No §87, da primeira parte, da **Teodiceia**, Leibniz havia explicado que: “Nesta controvérsia dos teólogos sobre a origem da alma humana, entrou a discussão filosófica sobre a *origem das formas*. Aristóteles e a escola depois dele chamaram de forma o que é um princípio de ação e encontra-se naquele que age. Este princípio interno é, ou substancial, que é chamado de alma, quando está em um corpo orgânico, ou acidental, que se costuma chamar de *qualidade*. O mesmo filósofo deu à alma o nome genérico de entelêquia ou de ato. Esta palavra, *entelêquia*, aparentemente tem sua origem da palavra grega que significa perfeito, e é por isso que o célebre Hermolaus Barbarus a expressou ao pé da letra em latim por *perfecti habia*, pois o ato é a realização da potência (*puissance*); e ele não tinha necessidade de consultar o diabo, como fez, conforme o que se diz, para aprender apenas isso. Acontece que o filósofo estagirita acredita que existam duas espécies de atos, o ato permanente e o ato sucessivo. O *ato* permanente, ou durável, não é outra coisa senão a *forma* substancial ou acidental: a forma substancial (como a alma, por exemplo) é completamente permanente, pelo menos em minha opinião, e o acidental não o é senão por algum tempo. Mas o ato inteiramente passageiro, cuja natureza é transitória, consiste na própria *ação*. Eu mostrei em outro lugar que a noção de entelêquia não deve ser inteiramente menosprezada, e que sendo

permanente, ela traz consigo não apenas uma simples *faculdade* ativa, mas também o que se pode chamar de *força, esforço, conatus*, do que a própria ação deve seguir se nada a impede. A faculdade não é senão um *atributo*, ou algumas vezes até um *modo*; mas a força, quando não é um ingrediente da própria substância, isto é, a *força* que não é *primitiva*, mas *derivativa*, é uma *qualidade* que é distinta e separável da substância. Eu também mostrei como se pode conceber que a alma é uma força primitiva que se modifica e varia a partir das forças derivativas ou qualidades, e exercida nas ações” (LEIBNIZ, 1969, pp. 151-2). Como temos tentado evidenciar, a *Entelequia* – termo utilizado por Aristóteles em sua *Metafísica* (IX, 8, 1050a 8) – é um conceito chave na filosofia leibniziana; aparece também, dentre outros, no §18 da **Monadologia** e havia sido amplamente utilizado no texto *De primae philosophiae emendatione et notione substantiae* de 1694, certamente ao qual Leibniz se refere no texto citado.

¹⁶ No §91, da primeira parte, da **Teodiceia** Leibniz explicava: “Depois de ter estabelecido uma ordem tão bela, e regras tão gerais no que se refere aos animais, não parece racional que o homem esteja inteiramente excluído dela, e que tudo se faça nele por milagre com relação a sua alma. Por isso, fiz notar mais de uma vez, que é da sabedoria de Deus que em suas obras tudo seja harmônico, e que a natureza esteja em paralelo com a graça. Deste modo, eu acreditaria que as almas que um dia serão almas humanas, assim como as das outras espécies, estiveram [como que] nas sementes (*semences*) e nos ancestrais até Adão [no caso da humana], e existiram, conseqüentemente, desde o começo das coisas, sempre em uma espécie de corpo organizado. No que parece que o Sr. Swammerdam, o R. P. Malebranche, o Sr. Bayle, o Sr. Pitcarne, o Sr. Hartsoeker, e um grande número de outras pessoas muito hábeis são de minha opinião. E esta doutrina está suficientemente confirmada pelas observações microscópicas do Sr. Leuwenhoeck e de outros bons observadores. Mas ainda me parece conveniente por diversas razões que [essas sementes] não existissem então, a não ser em almas sensitivas ou animais, dotadas de percepção e de sentimento, mas [neste caso] destituídas de razão; e que elas permanecessem neste estado até o tempo da geração do homem a quem elas deviam pertencer, mas que nesse momento elas receberam a razão; **quer houvesse um meio natural de elevar uma alma sensitiva ao grau de alma racional (o que eu tenho dificuldade em conceber), quer Deus tenha dado a razão a esta alma mediante uma operação particular, ou se você quiser, mediante uma espécie de transcrição (*transcréation*)**. O que é ainda mais fácil de ser admitido [do] que muitas outras operações imediatas de Deus sobre nossas almas que a revelação ensina” (LEIBNIZ, 1969, pp. 154-5, grifo nosso). O termo “transcrição” indica, pois, a ação com que Deus forneceria a razão à alma sensitiva ou animal.

¹⁷ No § 86, da primeira parte, da **Teodiceia** Leibniz vai se referir à expressão *per traducem*, que ele traduzirá pelo termo francês *traduction*, como a segunda alternativa para a solução do problema de como as almas se mantêm associadas ao pecado original; as outras duas seriam a *criação*, mais aceita na sua época, e a *preexistência* das almas em outro mundo. Para os *traducionistas* era “como se a alma das crianças fosse gerada *per traducem* a partir da alma ou das almas daqueles de cujo corpo é gerada”. (LEIBNIZ, 1969, p. 151). Leibniz preferira a alternativa da *criação* e defenderá a opinião de Malebranche, cf. §§ 86-9 e §§ 397-8 da mesma obra.

¹⁸ *Anima interne quidem sine corporum adminiculo operari potest, sed non extra. Semper tamen ejus actionibus internis externa in corporibus respondent. Equidem per miraculum a Deo anima constitui potest extra corpus, sed hoc non convenit ordini rerum. A primo passivo separata non faciet rem completam seu Monada. Si tantum major gradus additur, nulla est nova animae infusio. Gradus ille essentialis seorsum subistere non potest, neque est Entelechia, cum non sit principium actionis, sed tantum Animae Facultas. Constat inter Philosophos, facultatem sentiendi et ratiocinandi in nobis non facere diversas animas, sed eidem animae inesse. Unde miror Te hic haerere. Eandem materiam a diversis Entelechiis adaequate informari, non est cur dicamus. Gradum novum addi Animae sensitivae congruentis putavi, quam animas racionales innumeras latere in seminibus quae non perveniant ad maturitatem humanae naturae. Si quis ostendat modum naturalem exaltationis, non dicam, hunc modum addi miraculose. Vides ergo haec a me dici per modum hypotheseos preferendae. Animam ex anima nasci, si id Traducem apellas, explicabile non est, et longe absum ab his talis concipiunt.*

¹⁹ Conforme deixamos claro no artigo “Leibniz e a gênese da noção de espaço: lendo o § 47 da última carta a Clarke” (já citado), o problema da “localização” das mônadas só pode ser compreendido a partir do embate que se deu entre Leibniz e Newton quanto à compreensão das expressões “*affectiones locorum*” e “*individuum denominationem*”, somente depois disso é que podemos perceber o modo como o conceito de mônada está na dependência do conceito de relação e como justamente isso é que torna compreensível o que Leibniz entende por discernibilidade (cf. nota 12) nas mudanças do estado do movimento.

²⁰ Nos **Novos ensaios** Leibniz já havia dito que “o [espaço] não é mais uma substância do que o tempo, e se tem partes [contra Samuel Clarke (1675-1729) e Isaac Newton (1642-1727)] não pode ser Deus. **É uma relação, uma ordem não só entre os seres existentes, mas também entre os [seres] possíveis como se existissem**” (LEIBNIZ, 1984 [livro II, cap. XIII, §17], p. 100, grifo nosso). Era também isso que ele havia tentado explicar na carta de 31/10/1705 à Princesa Sofia do seguinte modo: “Vê-se bem que o Tempo não é uma substância, já que uma hora, ou alguma outra parte do tempo que se considera jamais existe inteira e em todas suas partes conjuntamente; não é senão um princípio de relações (*principe de rapports*), um fundamento da ordem

(*fondement de l'ordre*) nas coisas, desde que se conceba sua existência sucessiva ou sem que elas existam conjuntamente. O mesmo deve ocorrer com o espaço; é o fundamento da relação da ordem (*fondement du rapport de l'ordre*) das coisas, mas desde que se conceba existirem conjuntamente. Ambos os fundamentos são verdadeiros, ainda que sejam ideais. A continuidade uniformemente regrada, ainda que seja apenas suposição e abstração, constitui a base das verdades eternas e das ciências necessárias: ela é o objeto do entendimento divino, como o são todas as verdades (...). **O possível imaginário participa destes fundamentos da ordem na mesma proporção que o atual** (...). A matéria nos parece um contínuo, mas só parece, assim como o movimento atual. É como a poeira do alabastro que, ao fervermos no fogo, parece ser um fluido contínuo; ou como uma roda dentada parece um diáfano contínuo ao girar com muita velocidade, sem que se possa discernir o lugar dos dentes do lugar vazio entre os dentes, nossa percepção unindo os lugares e os tempos separados”. (LEIBNIZ, 1960 [GP, VII], p. 563, grifo nosso; cf. nota 1). Além do artigo mencionado na nota 1, escrevemos outros dois que podem ajudar a compreender o amplo alcance do que está sendo dito aqui: “Leibniz e a metafísica da nova geometria: espaço como relação” (in **Cadernos UFS de Filosofia** – v. 9, 2011, pp. 77-94) e “Leibniz e a gênese da noção de espaço: lendo o § 47 da última carta a Clarke” (já citado na nota 12).

²¹ Na carta de 1716 ao matemático Dancicourt, Leibniz esclarecia: “As mônadas (as que conhecemos são chamadas de almas) mudam o estado de si mesmas conforme as leis das causas finais e dos apetites, mas o reino das causas finais entra em acordo com o reino das causas eficientes, que é aquele dos fenômenos. No entanto, eu jamais diria que o *continuum* é composto de pontos geométricos, pois a matéria não é absolutamente o *continuum*, e a extensão contínua é apenas uma coisa ideal, consistindo em possibilidades que de modo algum tem nela partes atuais. **Os todos intelectuais não têm partes, a não ser em potência**. Assim, a linha reta não tem partes atuais, exceto na medida em que ela seja atualmente subdividida ao infinito; mas, se existisse uma outra ordem das coisas, os fenômenos fariam com que ela fosse subdividida de outro modo. **É como a unidade na Aritmética, que é também um todo intelectual ou ideal divisível em partes, como em frações, por exemplo, não atualmente em si (de outro modo, ela seria redutível a partes mínimas que jamais se encontram em números), mas na medida em que tiver frações determinadas**. Eu afirmo, então, que a matéria – que é algo de atual – não resulta senão das mônadas, isso é, das substâncias simples indivisíveis, mas que de nenhum modo a extensão ou a grandeza geométrica é composta das partes possíveis que somente aí se pode designar (*assigner*), nem se resolve em pontos, e que os pontos também são apenas extremidades e de nenhum modo partes ou aquilo que compõe a linha”. (LEIBNIZ, 1768 [D], p. 500, grifo nosso; cf. nota 1).

²² Leibniz se refere ao segundo labirinto enunciado na **Teodiceia** da seguinte maneira: “Existem dois famosos labirintos onde nossa razão se perde muitas vezes; um diz respeito à grande questão do livre e do necessário, sobretudo quanto à produção e quanto à origem do mal; o outro consiste na discussão do *contínuo* (*continuité*) e dos *indivisíveis* que constituem seus elementos, e no qual deve entrar a consideração do *infinito*. O primeiro embaraça praticamente todo o gênero humano, o outro influencia somente os filósofos”. (LEIBNIZ, 1969 [Prefácio, §7], p. 29). Além dos textos de Bayle, é claro que a referência mais próxima de Leibniz era o livro do físico e teólogo de orientação jansenista Libertus Fromundus (1587-1653) que, publicado em 1631, tinha por título *Labirynthus, sive de compositione continui liber unus*; Fromundus também havia publicado, em 1640, o *Augustinus* de Jansenius e foi um importante correspondente de Descartes; seu *Labirynthus* também já havia sido mencionado nos **Novos ensaios** (livro II, cap. XXIII). Como já mencionamos no início, para uma compreensão um pouco mais detalhada do que Leibniz enuncia nessa parte da **Teodiceia**, gostaríamos de recomendar a leitura de nosso artigo “Leibniz e as duas faces do labirinto do contínuo: uma introdução”; com a presente tradução completamos a proposta que havíamos feito ali.

²³ *Etsi monadum loca per modificationes seu terminationes partium spatii designentur, ipsae tamen Monades non sunt rei continuae modificationes Massa ejusque diffusio resultat ex monadibus, sed non spatium. Nam spatium, perinde ac tempus, ordo est quidam, nempe (pro spatio) coexistendi, qui non actualia tantum, sed et possibilium complectitur. Unde indefinitum est quiddam, ut omne continuum cujus partes non sunt actu, sed pro arbitrio accipi possunt, aequae ut partes unitatis seu fractiones. Si aliae essent in natura rerum subdivisiones corporum organicorum in corpora organica, aliae essent Monades, alia massa, etsi idem foret spatium quod impleretur. Nempe spatium est continuum quoddam, sed ideale; Massa est discretum, nempe multitudo actualis, seu Ens per aggregationem, sed ex unitatibus infinitis. In actualibus simplicia sunt anteriora aggregatis, in idealibus totum est prius parte. Hujus considerationis neglectus illum continuum labyrinthum peperit.*

²⁴ Trata-se de Dionysius Von Werl, que morre no mesmo ano em que Leibniz está escrevendo a presente carta. Nascido mais ou menos em 1640, Dionísio passa a fazer parte, a partir de 1658, da ordem dos Capuchinhos de Colônia, na Alemanha; nos anos de 74 a 80, ele se torna professor na corte do duque Johann Friedrich de Brunswick-Lüneburg, em Hanôver, onde se torna amigo de Leibniz com quem passa a compartilhar os esforços de unificar as Igrejas. As principais obras onde Dionísio de Werl explicita esse objetivo parecem ter sido **Via pacis inter homines per Germaniam in fide dissidentes sive tractatus irenicus** (Hildesheim 1686) e **Catholischer ehren-retter** (Hildesheim 1698).

²⁵ R. P. Dionysius Werlensis Capucinus paulo ante obitum ad me scripserat, et nescio quod videbatur moliri opus novum. Est quidam in Batavis Typographus vel Bibliopola, qui operam suam sub praescripta conditione obtulit. Videbimus, quo successu. Quod superest, vale et fave etc. Dabam Hanoverae 31 Julii 1709.

²⁶ Leibniz se refere à sua obra *Novissima sinica historiam nostri temporis illustratura* de 1697, onde, dentre muitas outras coisas, ele propõe, associada a uma troca intensa de conhecimento com os europeus, a maneira como deveria acontecer a conversão dos chineses ao cristianismo.

²⁷ Leibniz se refere ao famoso bibliotecário italiano Antonio Magliabecchi (1633-1714) que, certamente, deve tê-lo ajudado muito em sua busca por informações sobre a história da Casa de Brunswick e em muitas outras coisas. Em seguida, refere-se ao padre jesuíta italiano Giovanni Battista Tolomei (1653-1726), que tinha um considerável conhecimento de línguas e que se tornará cardeal a partir de 1712; além de sua posição dentro da Igreja e de seu conhecimento de línguas, em 1696 ele havia publicado um texto marcadamente leibniziano, seu *Philosophia mentis et sensuum*; motivo suficiente para que Leibniz peça a Des Bosses que a **Teodiceia** também chegue às suas mãos, uma vez que certamente o jesuíta italiano se tornaria um divulgador das ideias contidas nela. Por fim, menciona o nome daquele que escreveu o *Dictionnaire historique et critique* que, junto com outras obras suas, será extensamente criticado na **Teodiceia**, o francês Pierre Bayle (1647-1706).

²⁸ P. S. Cum prodire Novissima mea Sinica olim, Romam missa sunt, et, credo, per Dn. Magliabecchium ad Generalem Praepositum societatis vestrae pervenerunt, qui (si bene memini) etiam per hunc salutari me jussit. Ptolemaeo vestro, viro summo, me commendari peto. Ubi opusculum contra Baylium prodierit, judicio ejus submittam.